

revista **NÓS**

Edição N°02/2023

psicanálise e estrutura:  
*o que há de novo?*

 **OSIPSI**  
Seminar de Introdução à Teoria Psicanalítica

# NÓ\$

**Psicanálise e Estrutura:  
O que há de novo?**

**Nº02  
Ano: 2023**

Edição Nº 02/2023

**EDITORES**

Jamile Leidiane dos Santos César  
Ricardo Gusmão Machado

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Costa Moreira  
Caio Paiva Ribeiro  
Damodara Rosalino  
Jamile Leidiane dos Santos César  
Marcela Franzen Rodrigues  
Paulo Alexandre Trindade Freire  
Ricardo Gusmão Machado  
Tainá Cardoso Olivera

**REVISÃO**

Ana Carolina Costa Moreira  
Caio Paiva Ribeiro  
Damodara Rosalino  
Jamile Leidiane dos Santos César  
Marcela Franzen Rodrigues  
Paulo Alexandre Trindade Freire  
Ricardo Gusmão Machado  
Tainá Cardoso Olivera

**DIAGRAMAÇÃO**

Ricardo Gusmão Machado

**ARTE DA CAPA**

Jayder Roger, sobre fotografia de Yana Korbal (2020) do  
Monumento Kosmaj em Koraćica, Sérvia

## SUMÁRIO

EDITORIAL ..... 4

### NEUROSES

DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA: FEMINIZAÇÃO DO MUNDO E O IMPERATIVO MATERNO

*Amanda dos Santos Araujo* ..... 7

"O QUE AS MULHERES QUEREM? HISTERIA E DISSOCIAÇÃO-VALOR EM MAD MEN"

*Jayder Roger* ..... 18

### PSICOSES

UM ENSAIO: PSICOSE E A INTERLOCUÇÃO ENTRE OS SUJEITOS DE DESCARTES E LACAN

*Gabriel Nascimento Felix* ..... 29

A ESTRUTURA PSICÓTICA E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE DONALD WINNICOTT

*Keziah da Costa Silva Rezende* ..... 40

A PSICOSE COMO PARADIGMA DA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

*Maria Clara Carneiro Bastos* ..... 48

### O QUE ESCAPA

IF WE FORGIVE OUR FATHERS WHAT IS LEFT: ANÁLISE E REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O POEMA 'FORGIVING OUR FATHERS' DE DICK LOURIE

*João Pimentel Santos Santana Coelho*  
*Murilo Rigaud* ..... 61

## EDITORIAL

Eis que chegamos à segunda edição da **Revista Nós!** Dessa vez com o tema “*Psicanálise e Estrutura: O que há de novo?*”.

“De novo”, pois por mais que circulemos em torno de autores como Freud, Lacan e outros, que nos servem como referência, a psicanálise está em uma constante construção. Freud retornava sempre aos seus textos, adicionando notas e atualizando informações de acordo com suas descobertas na Clínica. Lacan sabia muito bem o momento de deixar de lado a teoria e encarar o real do sujeito em sua singularidade, atitude que mostrava novos contornos para a própria teoria clínica.

Mas e **Nós**, que ainda estamos aqui, estudando, praticando e fazendo a psicanálise dos nossos dias, será que ainda construímos a psicanálise ou caímos no gozo da repetição? Algumas coisas mudaram recentemente, o período pandêmico forçou uma abertura para outros meios de se fazer psicanálise. Até outro dia os atendimentos *online* eram alvo de muito mais resistência do que agora. Pautas sociais, aos poucos, têm penetrado em nosso meio e forçado o que era invisível a se tornar visível e bem devagar a psicanálise vem se adaptando aos sintomas e demandas do presente. Muita coisa ainda precisa mudar para melhorar a forma pela qual a psicanálise é transmitida e praticada, tornando-a mais acessível e menos elitista e não vai caber à Freud e Lacan fazer isso, mas a **Nós**.

Contudo isso não significa jogar fora tudo que se construiu até aqui para criar algo do zero, mas saber diferenciar o que precisa ser revisado e o que precisa se manter e por isso esse “de novo” aparece em nosso tema de uma segunda forma, como também aquilo que se dá de novo, de novo e de novo. O que se repete no tema das estruturas e o que se repete na práxis. A espiral que delineaia um percurso que se repete, nos sintomas e nos métodos dos nossos tempos.

Nesta edição, temos o prazer de apresentar uma série de ensaios que exploram temas contemporâneos sob a perspectiva da psicanálise. Cada ensaio contribui para formar essa visão ampla acerca de coisas que se repetem, mas também sob novas perspectivas.

No primeiro texto, que abre a seção *Neuroses*, Amanda dos Santos Araujo, investiga as consequências da decadência da função paterna e a emergência do gozo feminino ilimitado no ensaio *Declínio da Função Paterna: Feminização do Mundo e Possíveis Consequências*, discutindo como este tema pode impactar assuntos como a fobia infantil e a violência. Jayder Roger também traz o tema do feminino ao analisar a personagem Betty Draper na série *Mad Men*, a partir de uma leitura acerca dos sintomas histéricos e sua conexão com a divisão social do trabalho. Abordando como a série retrata a restrição das mulheres à esfera da reprodução, lançando luz sobre questões envolvendo gênero e identidade, no ensaio *O que as mulheres querem?" Histeria e Dissociação-Valor em Mad Men*.

Abrindo a seção *Psicoses*, Gabriel Nascimento Félix investiga, através de Descartes e Lacan, o sujeito na psicose no trabalho *Um ensaio: Psicose e a Interlocação entre os Sujeitos de Descartes e Lacan*. Ainda debatendo o tema da psicose, Keziah da Costa Silva Rezende, examina a relação entre a estrutura psicótica e o desenvolvimento emocional primitivo, com base nas contribuições de Donald Winnicott. Um caso clínico também é analisado para ilustrar como o desenvolvimento emocional pode ser afetado pela negligência dos cuidados emocionais em seu ensaio *A Estrutura Psicótica e sua Relação com a Teoria do Desenvolvimento Emocional de Donald Winnicott*. Já no ensaio *A Psicose como Paradigma da Clínica Contemporânea*, Maria Clara Carneiro Bastos propõe a psicose como paradigma para a compreensão da clínica contemporânea, explorando como a psicose pode ajudar na nossa compreensão das relações sociais e dos *sinthomas* que amarram a realidade dos sujeitos

Na seção *O que Escapa*, a dupla de autores Murilo Rigaud e João Pimentel Santos Santana Coelho analisam um poema de Dick Lourie sob a ótica do Complexo de Édipo e do Mito do Pai Primevo, dentro da perspectiva freudiana e lacaniana, explorando, através da imagem poética, o tema da função paterna, no ensaio *If We Forgive Our Fathers, What Is Left: Análise e Reflexões Psicanalíticas sobre o Poema de Dick Lourie*.

Por fim, somos muito gratos aos autores e autoras, por confiarem esses textos incríveis à Revista Nós e desejamos, a cada sujeito, uma ótima leitura!

Salvador-BA, 25 de Setembro de 2023  
Ricardo Gusmão | Equipe Editorial

# NEUROSES

# DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA: FEMINIZAÇÃO DO MUNDO E O IMPERATIVO MATERNO

Amanda dos Santos Araujo<sup>1</sup>

## Resumo:

No presente trabalho iremos discorrer sobre como a queda da função paterna e o declínio da virilidade pode apresentar consequências na contemporaneidade. Abordaremos o imperativo materno como uma dessas possíveis consequências. Contemporaneamente, uma nova ordem é instaurada, caminhando para o lado feminino das fórmulas de sexuação, onde o gozo feminino ilimitado se faz presente e o discurso do mestre não pode mais controlar. Com isso, é colocada a seguinte questão: como a queda da função paterna pode influenciar na clínica das crianças em relação aos objetos fóbicos? Essa é a questão que tentaremos responder a seguir.

**Palavras chaves:** Função paterna; declínio viril; feminização; fobia; devoradoras.

Se em Freud (1937/1976) lemos, “aspiração à virilidade” (p. 261), contemporaneamente, em Miller (2011) lemos, “aspiração contemporânea à feminilidade” (Ibid., s/p), que vem em oposição ao que foi apresentado por Freud (Ibid.). Para Miller (2011) a queda do falocentrismo tem como consequência principal este fenômeno que caracteriza uma nova ordem simbólica contemporânea, dessa forma, “entre a subjetividade moderna e o sujeito contemporâneo explode a questão feminina” (MILLER, 2010, p. 27).

---

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela UEFS, especializanda em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana pela Escola Brasileira de Psicanálise (EBP/BA).

Atualmente o termo feminização tem sido usado com frequência para falar da entrada em massa das mulheres em cargos de poder, atividades laboratoriais, nichos sociais, grupos econômicos etc. (MACHADO, 2017). Essas mudanças sociais opera o declínio do pai como operador hegemônico da subjetividade, tendo feito um deslocamento da socialização, caminhando assim para o lado feminino das fórmulas da sexuação. É o que Miller (2010) aponta como “feminização do mundo” (p.108). Feminização diz respeito ao feminino. Lacan (1972-73/1985) estabeleceu dois modos de gozo que os seres falantes podem se posicionar: do masculino submetido e regido pela lógica fálica, tendo seu gozo limitado e o feminino não todo regido pela lógica fálica, por isso ilimitado.

Com a queda da função paterna e o declínio da virilidade, somos afetados diretamente, já que referências que antes balizavam o mundo, não mais balizam. Hoje notamos que as normas – leis, religiões e tradições – que antes nos norteavam, está em desmoronamento. Melman (2003) enfatiza que nossa cultura sempre foi organizada por grandes textos, cada um deles representando um saber. Outrora, esses textos nos serviram de Outro, ou seja, “lugares organizados pela linguagem, que vinham indicar o que deveria ser nossa conduta, o que deveríamos pensar e de que maneira deveríamos morrer” (Ibid., p. 52). Textos esses que ocuparam um lugar vazio do Outro, contudo, um grande fenômeno contemporâneo é a queda desses textos, havendo um desinvestimento em relação a esses saberes – religiosos, políticos e ideológicos – verticalmente orientados pelo patriarcado.

Para Melman (2003), atualmente estamos no período do diálogo horizontal com os outros, o semelhante, porém, sem dar importância e sem acreditar na relevância das mensagens que poderiam vir do Outro. Ou seja, é como se acontecesse uma forclusão desse Outro, “como se ao mesmo tempo a palavra não tivesse mais outro referente senão a autoridade do locutor” (Ibid., p. 54). Nesse seguimento, para Miller (2010),

[...] depois que Lacan tenha elaborado o mito freudiano até formalizá-lo segundo o modelo linguístico da metáfora não significa que ignorei sua relatividade. Ele até mesmo anunciou o caso em 1938, quando apontou que as formas de neuroses dominantes no final do século XIX pareciam ter evoluído no sentido de Id complexo categorial onde é reconhecida a grande neurose contemporânea, determinada principalmente nessa época pela falta do pai, cuja personalidade está ausente, humilhada, dividida ou artificial (Ibid., 2010, p. 19)

Com isso, a problemática do gozo feminino está presente em todo mundo e o discurso do mestre não tem mais como dominar. Por conseguinte, nos perguntamos, quais poderiam ser as maneiras desse gozo feminino ilimitado comparecer atualmente? Dentre várias maneiras, a seguir, abordaremos como a queda da função paterna influencia na clínica das crianças em relação aos objetos fóbicos.

## **IMPERATIVO MATERNO**

Para falar de objetos fóbicos, primeiramente precisamos falar sobre a fobia para a psicanálise. Freud (1926/2014) ao discorrer sobre a fobia, assinala que ela é uma resposta sintomática da criança frente a angústia de castração ao passar pelo complexo de Édipo. Da mesma maneira, a fobia também se apresenta como função de lidar com a passagem da relação imaginária com a mãe em torno do falo (imagem fálica), ao jogo da castração na relação com o pai. Lacan (1956-57/1995) se refere ao significante fóbico como aquele que supre simbolicamente a carência do pai. Hans faz de sua fobia um apelo ao pai, em outras palavras, ao significante Nome-do-Pai, buscando um ordenador simbólico, e assim, ele elege o cavalo como esse significante fóbico.

A eleição de um objeto fóbico nada mais é que um maneira do sujeito se constituir perante ao campo do desejo, mas também um apelo por um significante que estabeleça um limite frente ao Desejo da mãe. Dessa maneira, Lacan (1968-69/2008) demarca que “a verdadeira função da fobia, que é substituir o objeto da angústia por um significante que causa medo, porque, frente ao enigma da angústia, a relação de perigo assinalada é tranquilizadora (Ibid., p.297).

Abreu (2020) destaca os caprichos das mães contemporâneas que podem fazer de tudo para terem um filho e em outros momentos os educam como prolongamento dos seus corpos, para dessa forma, responderem todos seus imperativos que surgem como uma ferocida-

de materna. “Crianças geradas pelo empuxo à satisfação caprichosa do Desejo Materno que ambiciona depor a lei fálica, impondo a lei de ferro do seu gozo” (Ibid., s/p).

Trobas (2005) demarca que se a angústia de castração não é posta pelo agente paterno que vai transportar a ela uma pacificação simbólica, “é uma figura de Outro, do grande Outro, que vai pôr em jogo, a saber, em primeiro lugar, a mãe, a mãe fálica – Lacan, avançando nisso, leva em conta que o declínio do pai altera seu poder de privar a mãe de sua criança como objeto fálico imaginário” (Ibid., p. 26-27). O resultado disso é que a criança tem uma problemática de identificação ao falo materno que faz impedimento ao recalçamento como tal.

Com isso nos indagamos: de qual forma as crianças responderiam a isso? Abreu (2020) apresenta que aquele que toma a criança como sujeito desejante, seja ou não na clínica, sabe que a criança interpreta o furo do Outro resultante, por essa razão há a pluralidade de sintomas. Nesse ponto a fobia é tomada enquanto sintoma, “e seus objetos, para interrogar se é lícito pensar que há mutações na natureza desses objetos” (Ibid., s/p).

Atualmente os objetos fóbicos têm mais similaridade a cifras de gozo do que a formações do inconsciente, decifráveis por interpretações simbólicas, como anteriormente. Freitas (1999) ao discorrer sobre alguns casos clínicos, pontua que frente a falta de um pai real suficiente, a criança, em uma situação de extrema angústia (a possibilidade de devoração perante a falta de alguém que interfira), desloca sua angústia para os objetos fóbicos, conseguindo dessa forma

operacionalizar “um elemento de mediação metafórica (onde fracassou a função paterna)” (Ibid., p. 279).

Abreu (2020) trabalha a hipótese de que são respostas a estas mães, que se tornaram ainda mais devoradoras, já que são menos mediadas pela função fálica. Dessa forma, para Lacan (1961-62/2003) a fobia entra como um artifício que introduz um significante chave que possibilita o sujeito conservar algo do seu ser e não ficar totalmente exposto ao capricho materno.

Com isso, é levantada a seguinte questão: essa presença materna mais real, repleta de gozo, constituem objetos fóbicos com mais prominência do Real sem lei e rebelde aos semblantes?

constato que não só o imaginário infantil tem estado povoado por monstros e figuras horrendas, tais como a recém aparecida lenda da Momo, ser sobrenatural, “contato macabro do whatsapp”, mas os objetos fóbicos também seguem esta linha. As crianças inventam seus objetos com faces mortíferas, abjetas e próximas de uma decomposição assustadora (ABREU, 2020, s/p).

São caveiras, seres em putrefação, ossos, objetos fóbicos que provocam degradação e que se afasta, das narrativas infantis clássicas, acercando da supremacia das imagens marcadas pelo Real.

Hoje, todos os monstros horrorosos que constituem o arsenal dos videogames são introduzidos nas teorias sexuais infantis: animais pré-históricos, vampiros

carnívoros, entidades sangrentas indescritíveis, evidência de uma avidez corporal que está longe do limite da função fálica. (COTTET, 2017, p. 124)

Isso exemplifica qual é a consequência na clínica com as crianças decorrente da queda do falocentrismo. Vale ressaltar que se existe uma questão anterior ao tratamento possível com as crianças, essa é a sexualidade feminina. “É de mães vorazes e de filhos objetualizados que estou tratando, tendo como produto final desta equação novos objetos fóbicos” (ABREU, 2020, s/p).

Para finalizar, Lacan (1968-69/2008) nos adverte que a fobia não deve ser vista como entidade clínica, e sim como uma “placa giratória” (p. 298). Com frequência ela gira mais para as duas grandes ordens da neurose: a histeria e a neurose obsessiva, podendo também ter uma aproximação com o fetiche, ou seja, fazendo um deslocamento para perversão. Se o sujeito ao fazer uma mudança de posição que ele ocupa em relação ao outro, ele pode se situar como objeto a, e assim será uma perversão, contudo, se nessa mudança ele assumir a condição de sujeito barrado (\$), acarretará em uma estrutura de neurose de transferência, sendo ela uma histeria ou uma neurose obsessiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Contemporaneamente, com a queda da função paterna, como demarca Miller (2010), uma nova ordem simbólica é instaurada: a fe-

minização do mundo. Leis e normas que antes nos balizavam, não balizam mais, dessa forma, entramos em uma era dominada pelo desinvestimento do saber, entrando assim em um período de diálogos horizontais com os semelhantes. Grandes textos que antes ocupavam um lugar vazio do Outro estão em queda. Dessa maneira, a problemática do gozo feminino está estabelecida e o discurso do mestre não tem mais domínio. Freud (1926/2014) ao falar sobre fobia assinala que é uma resposta sintomática frente a angústia de castração, mas a fobia também se apresenta como uma tentativa da criança em lidar com a ferocidade do desejo materno que não foi interditado pelo significante Nome-do-pai. Lacan (1956-57/1995) se refere ao significante fóbico como aquele que supre simbolicamente a carência do pai. A função da fobia é apresentada como substituto de um objeto de angústia, por um significante que cause medo, como é o caso do pequeno Hans, onde o significante fóbico elegido é o cavalo.

Uma das consequências da queda da função paterna é o imperativo materno. Mães contemporâneas que podem fazer de tudo para terem um filho e assim, os educam como prolongamento dos seus corpos. O que pode a criança fazer para barrar essas mães que as tomam como objeto fálico? Nesse ponto a fobia é tomada enquanto sintoma. Frente a falta de um pai real suficiente, a criança em uma situação extremamente angustiante, desloca sua angústia para os objetos fóbicos, para assim conseguir fazer uma mediação onde fracassou a função paterna. Para Abreu (2020) isso nada mais é que uma resposta a estas mães que se tornaram ainda mais devoradoras, já que a função fálica não as media mais. Essa presença materna mais

real repleta de gozo constitui objetos fóbicos com mais prominência do Real sem lei: são seres em putrefação, ossos e objetos fóbicos que se afastam das narrativas infantis clássicas. Lacan (1968-69/2008) ao discorrer sobre placa giratória da fobia, demarca que ela tanto pode girar para as duas grandes ordens da neurose, quanto pode também se deslocar para a perversão. Para finalizar, deixamos em aberto uma questão, se a fobia se desloca para a perversão, ela ainda deve ser vista como uma terceira forma de neurose?

## REFERÊNCIAS

ABREU, T. (2020). A queda do falocentrismo e os objetos fóbicos, hoje. In: XXII - Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – 7 de novembro. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/a-queda-do-falocentrismo-e-os-objetos-fobicos-hoje/>. Acesso: 23 de jul. 2023

COTTET, S. (2017) Objetos Fóbicos não Identificados. In: Los Miedos de los Niños. Jacques–Alain Miller e outros. Buenos Aires: Instituto Clínico de Buenos Aires, Paidós.

Freitas, E. (1999). Escola Letra Freudiana: mapa do tesouro: Hans e a fobia. Rio de Janeiro: Contra-Capa. n.24, pp. 277-280.

FREUD, S. (1926/2014). “Inibição, sintoma e angústia”. In: Sigmund Freud: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras. Vol. XVII

\_\_\_\_\_. (1937/1976) “Análise terminável e interminável”. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII.

LACAN, J. (1956-1957/1995). Seminário 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1968-1968/2008). O seminário, livro 16: de um outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (1961-1962/2003) O seminário, livro 9: A identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

\_\_\_\_\_. (1972-1973/1985). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Melman, C. (2003). Novas formas clínicas no terceiro milênio. Porto Alegre: CMC.

MILLER, J. (2010) El Otro que no existe y sus comités de ética. Buenos Aires: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_. (2011) O ser e o Um, aula de 9 de fevereiro de 2011, Curso de Orientação Lacaniana III, 13.

TROBAS, G. (2005) Angústia moderna, angústia de sempre. Em Curinga, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise, seção Minas, n. 21, p. 17-28, jun.

# "O QUE AS MULHERES QUEREM? HISTERIA E DISSOCIAÇÃO-VALOR EM MAD MEN"

Jayder Roger<sup>1</sup>

Deixe-me perguntar uma coisa, o que a mulher quer? –  
Quem se importa? <sup>2</sup>

Mad Men é uma série de televisão, ambientada nos anos 1960 e criada por Matthew Weiner, centrada no universo exuberante da publicidade em uma agência em Nova Iorque. A trama expõe as facetas da vida pessoal e profissional dos executivos da agência, com o protagonista Don Draper conduzindo-nos pela narrativa. A série explora temas como identidade, gênero, raça, política e consumo, encaixando-os nas contradições sociais e culturais da época. Ao longo das sete temporadas, Mad Men aprofunda as dinâmicas tanto subjetivas como sociais, particularmente de uma classe média branca na sociedade estadunidense. No segundo episódio da primeira temporada, "Ladies Room", a série apresenta a personagem Betty Draper, esposa do protagonista, cujas nuances relativas aos seus sintomas serão exploradas.

---

<sup>1</sup> Publicitário, atualmente estudante de Psicologia na Universidade Jorge Amado.

<sup>2</sup> Ladies Room (temporada 1, ep. 2) MAD MEN. Los Angeles: AMC, 2007-2015. Série de TV..

## **“Quando suas mãos ficam dormentes”**

O episódio começa em um close das mãos de um garçom, quebrando um ovo e espremendo um limão sobre uma salada, frente a uma mesa de jantar em um restaurante da alta classe nova iorquina dos anos 60. Na mesa estão, Don (protagonista da série) Betty sua esposa (protagonista desse ensaio), Roger (chefe executivo de Don na agência de publicidade) e Mona (esposa de Roger). O assunto da mesa é as babás que tiveram na infância, que já estabelece – além do restaurante, das vestimentas e adornos – a classe social abastada dos personagens, que podiam terceirizar o trabalho parental. Don destoa um pouco daqueles em que compartilha o jantar por não ter tido uma infância endinheirada, pelo contrário, paira um mistério sobre o seu passado que claramente incomoda sua esposa, Betty. A conversa se encerra com as mulheres da mesa indo em direção ao ladies room – banheiro feminino – que possui uma antessala com espelhos para que as mulheres possam retocar a maquiagem.

Diante do espelho, ao lado de Mona, Betty abre sua bolsa para pegar seu batom. Nesse momento, ela percebe que suas mãos estão dormentes, tornando-se incapaz de segurar o batom – um objeto que, neste contexto, adquire uma representação fálica<sup>3</sup> de seu desejo em relação Don – comenta: “Mona, você pode me ajudar? Parece que per-

---

<sup>3</sup> Fálico aqui não como sinônimo de pênis, mas sim enquanto categoria de conceito analítico, segundo Nasio (1988, p. 33) “o elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a representação construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem”.

di o jeito com meus dedos... Você nunca teve isso? Quando suas mãos ficam dormentes?”. Diante dessa primeira conversão somática<sup>4</sup>, Betty, expõe sua angústia enquanto responde a um comentário de Mo-na, que a elogia por sua beleza enquanto a ajuda a retocar o batom, dizendo: “Deve ser fácil para você segurar um homem como aquele”, referindo-se a beleza do Don, Betty então explica que, ultimamente, tem sido difícil “segurar qualquer coisa” devido às demandas de cuidar de seus filhos e ser dona de casa, além de ter perdido sua mãe alguns meses atrás.

No regresso ao lar, durante o trajeto de carro, Betty indaga Don sobre sua infância e a dificuldade em conhecer mais sobre a vida de seu próprio marido. Don responde que falar de si mesmo seria um “pecado de orgulho”. Claramente descontente por estar alheia ao passado de Don, ao chegarem em casa, ela mais uma vez tenta se aproximar da história dele, mas ele rebate dizendo que “isso é como política, religião ou sexo. Para que falar dessas coisas?” Em seguida, inclinando-se para beijá-la, eles se envolvem em um momento íntimo. Após o ato, Betty observando Don enquanto ele dorme, solta um suspiro ao pé de seu ouvido: “Quem está aí por dentro?”. Inquietação que reside na possibilidade de que seu casamento, à primeira vista perfeito com um marido atraente e bem-sucedido, esteja construído sobre uma base frágil. Essa lacuna, a falta que existe entre eles, revela

---

<sup>4</sup> Aqui entendemos a conversão enquanto provocação somática da histeria, como descrita por Nasio (1990, p. 30) “A conversão se define, do ponto de vista econômico, como a transformação de um excesso constante de energia que passa do estado psíquico para o estado somático” ou seja, em Betty, do psíquico para o físico.

ainda mais a angústia de Betty.

### **Histeria e dissociação-valor**

Nesse primeiro ato do episódio, diante do sintoma de dormência nas mãos e da angústia específica que aflige Betty, reside sua manifestação histérica<sup>5</sup>. É importante destacar, como Nasio (1990) nos mostra, a histeria não enquanto uma doença que afeta o indivíduo, mas sim um estado que se manifesta na relação com os outros, nas complexas ligações e conflitos que os neuróticos tecem em suas relações. Betty é sobrecarregada por um excedente de afeto a respeito do seu marido, e ao seu papel nas demandas do trabalho doméstico. Há então uma interdição de reconhecimento, portanto da identificação dela enquanto sujeito: Betty só existe enquanto esposa, mãe e dona de casa, que segundo Scholz (1996, p. 25) "casamento e maternidade tornaram-se então o único lócus social onde a mulher (burguesa) podia locomover-se; de resto, ela dependia inteiramente de seu marido". Sua própria existência está nesses papéis, portanto, ela só "é" enquanto for reconhecida pelas suas funções na reprodução social.

Isso implica que a relação de histeria com Betty está profundamente arraigada na estrutura da divisão social do trabalho.

---

<sup>5</sup> Segundo Nasio (1990, p. 13) neurose que se "manifesta sob a forma de distúrbios diversificados e amiúde passageiros, dentre os quais os mais clássicos sintomas somáticos como as perturbações de motricidade [...] os distúrbios de sensibilidade (anestésias de uma região limitada do corpo)".

Segundo Menegatti (2018), essa divisão é governada pelo patriarcado produtor de mercadorias, em que a esfera pública da produção social é reservada aos homens, enquanto às mulheres é atribuída a esfera privada da reprodução. Esse arranjo cria uma dissociação<sup>6</sup> que confina as mulheres às tarefas como cuidar dos filhos e executar afazeres domésticos, relegando-as a uma posição secundária considerada inferior. Essa separação cultural-simbólica tem consequências psicossociais, as quais se manifestam nos sintomas exibidos por Betty.

A clivagem entre Don e Betty é evidente. Enquanto ele assume o papel de provedor, seguindo a tradicional imagem masculina – na construção do *american way of life* – destacando-se características como racionalidade e força emocional, ela concentra-se nas tarefas de reprodução, tida como "amorosas", destacando uma certa fragilidade de caráter, enquanto espera pelo retorno do marido toda a noite. Betty inclusive desfruta de uma posição social privilegiada nesse retrato – de margarina – da “família tradicional estadunidense” heterossexual e branca que lhe permite terceirizar alguns trabalhos para uma empregada doméstica (Carla, uma mulher negra, que só será apresentada alguns episódios depois), mas ainda assim enfrenta um sentimento de vazio e insatisfação pessoal.

## **"Uma divorciada poderia desvalorizar as propriedades da vizinhança"**

---

<sup>6</sup> Dissociação-valor, formulada pela filósofa alemã Roswitha Scholz, é uma teoria que procura compreender a subordinação das mulheres enquanto característica inerente à forma de mercadoria, fundamentando-se na crítica marxista do valor.

Esse desconforto é exacerbado quando, numa tarde permeada por tédio, chá e cigarros, Betty conversa com sua vizinha, Francine. A conversa gira em torno da chegada de uma nova moradora ao bairro, uma mulher divorciada e com dois filhos, algo que causa espanto em ambas: “Já pensou se preocupar com dinheiro” (portanto da esfera pública da produção) “a essa altura?”, comenta Francine. Nesse momento, Betty retoma o receio – considerando a frágil base do seu próprio casamento – de possivelmente encontrar-se numa situação semelhante de divórcio. Francine contribui para o mal estar, ao acrescentar que a presença de uma divorciada poderia desvalorizar as propriedades da vizinhança.

Ao sair para dar uma volta de carro com os filhos, pela primeira vez Betty avista a nova moradora do bairro fazendo, sozinha, a sua mudança. Nesse momento ela perde o controle das mãos, por conta da dormência que se apropria do seu corpo, e bate o veículo. Catatônica pela situação, demora um tempo para voltar a si, e percebe que nada de grave aconteceu com ela e as crianças. “Eu odeio o modo como você dirige, sabia?” reclama Don a noite em casa, ao saber do acidente. Envergonhada a respeito da batida, Betty depois de algumas tentativas frustradas de esconder o que provocou o acidente, relata sobre os seus sintomas. Don irritado porque ela ainda não achou um médico que pudesse “cuidar disso”, e que o último teria recomendado um psiquiatra “Os médicos devem adorar que finalmente tenham uma resposta para "não sei o que há de errado"” réplica o marido.

Coincidentemente, essa visão de Don – imperativa na sociedade retratada – repete o problema que Sigmund Freud se defron-

tou no final do século XIX, o sofrimento interpretado apenas por uma chave biomédica (física) ou moral. Mas Freud, ao dar importância também aos fenômenos mentais, abrange o objeto da psicanálise enquanto sobreposição entre dois domínios, conforme nos mostra Zupancic (2022, p. 22), “isto é, onde o biológico ou somático já é mental ou cultural e onde, ao mesmo tempo, a cultura brota dos exatos mesmos impasses das funções somáticas que tenta resolver”. Portanto, a descoberta Freudiana nos apresenta que a “cultura e a mente eram capazes de afetar, até mesmo distorcer e fisicamente alterar os corpos humanos, mas também e talvez mais significativamente, que deve haver algo no corpo humano que torna isto possível” (Zupancic, 2022, p.22)

Betty se questiona se realmente necessita de um psiquiatra, e Don comenta: "Sempre pensei que as pessoas recorriam a psiquiatras quando estavam infelizes. Mas olho para você, e isso" – ele observa a casa – “e eles" indicando as crianças, "e isso", tocando gentilmente o rosto dela, "e penso, você está infeliz?", "Claro que estou feliz", responde Betty. A câmera se distancia, mostrando Don adormecer com uma expressão relaxada – até alegre – enquanto Betty é novamente dominada pela angústia: teme que seu marido, que o casamento, que tudo seja frágil, sujeito a ser retirado a qualquer momento, e que ela possa acabar como sua vizinha, divorciada. Novamente, o peso das normas culturais e da reprodução social se insere enquanto uma produção de sofrimento para ela, como Scholz

(1996, p. 25 apud FREVERT, 1986, p. 65) ilustra: "A mulher burguesa viu-se confrontada com a tarefa de manter a família em equilíbrio, de desincumbir-se dia após dia dos afazeres domésticos e de funcionar como uma relojoaria de tique-taque cadenciado"

### **Um relógio em ouro branco**

A história de Betty ocorre em paralelo a história principal de Don enquanto protagonista. Nesse mesmo episódio, por exemplo, Don enfrenta a dificuldade em criar uma campanha para uma marca de desodorantes. “Um desodorante moderno para um homem moderno” é o slogan apresentado, não satisfeito com esse rumo, sugere uma nova abordagem. Indo em direção a uma visão atrelada aos papéis de gênero da época, direciona a campanha às mulheres, porque apesar de um desodorante masculino, quem faz a compra de um item de higiene pessoal são as mulheres, esposas. Nessa nova abordagem, ele se questiona “O que as mulheres querem?”. Ao chegar em casa, surpreende Betty com um presente – um relógio em ouro branco – Betty se mostra feliz com a surpresa, mas logo deixa transparecer que esse gesto não vai lhe tirar o sofrimento, e expressa mais uma vez a vontade de procurar ajuda psiquiátrica.

Agora, em um clássico cenário de intervenção, Betty se encontra em um divã, “Não sei porque estou aqui” são as palavras que quebram o seu silêncio:

“Quer dizer, eu sei. Acho que estou apreensiva. Ansiosa. Eu não durmo muito bem... e minhas mãos... elas estão bem agora. É como quando você tem um problema com o carro, e você vai ao mecânico e o defeito não aparece... Não que o senhor seja um mecânico” (Temp.1, Ep. 02. 2007).

Ela retira o relógio que ganhou de presente na noite passada e deixa sobre a mesa, e dá continuidade ao seu discurso. No fim do episódio, o cenário de um jantar retorna, Betty e Don trocam sorrisos, drinks e olhares. Ela se mostra alegre, após o seu marido consentir ao tratamento terapêutico/psiquiátrico, e que poderia ser o início de um processo rumo à redução de seus sintomas mórbidos. Mas, é nos últimos segundos que a série reforça a sociedade que a adoeceu. Ao chegar em casa, Don vai ao seu escritório, enquanto Betty se arruma para deitar, para fazer uma ligação. O psiquiatra de Betty que atende, eles começam a conversar sobre o que ela falava na análise, "é uma jovem muito ansiosa" diz o médico. A porta do escritório se fecha, e a câmera se volta para a cozinha, ambiente que simboliza a alienação feminina perante a sociedade patriarcal onde o valor é o homem.

## REFERÊNCIAS:

Ladies Room (temporada 1, ep. 2) **MAD MEN**. Los Angeles: AMC, 2007-2015. Série de TV.

MENEGATTI, Jéssica Cristina Luz. Teoria da dissociação-valor. **Cadernos Cemarx**, [S.L.], n. 10, p. 113-130, 17 jan. 2018. Universidade Estadual de Campinas.

NASIO, J.D. **A Histeria**: Teoria e Clínica Psicanalítica, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

NASIO, J.D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

SCHOLZ, R. “O valor é homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos”. **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, n. 45, julho 1996.

ZUPANCIC, Alenka. **Por que psicanálise?** três intervenções; Tradução Rodrigo Gonçalves. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.

# PSICOSES

## UM ENSAIO: PSICOSE E A INTERLOCUÇÃO ENTRE OS SUJEITOS DE DESCARTES E LACAN

Gabriel Nascimento Felix<sup>1</sup>

O presente artigo é um ensaio sobre perspectiva teórica-conceitual de cunho epistemológico. A concepção do artigo prossegue uma reflexão edificada na obra *Sujeito da Psicanálise* por Marcelo Fonseca Gomes de Souza com o objetivo de indagar a episteme do sujeito em estado psicótico. Após selecionar o ponto referencial a partir do primeiro capítulo do livro, denominado de “Descarte com Lacan”, é tanto descrito o sujeito científico, condicionante do pensamento cartesiano quanto o sujeito psicanalítico, pela perspectiva lacaniana. Portanto, o ponto de partida para a consecução alígero do objetivo é oriunda, justamente, do estudo dos pontos de interseção e discrepância entre ambos sujeitos. É cogitado o assujeitamento do estado psicótico, a partir da polarização antagônica, entretanto, convergente, em alguns tópicos, desses sujeitos. Assim, no desfecho do artigo, é tentado, a partir de indicações, em diálogo com o seminário 3 de Lacan “As psicoses”, propor questionamento acerca do sujeito na psicose.

---

<sup>1</sup> Graduando Bacharelado Interdisciplinar em Saúde e Psicologia pela Universidade Federal Do Recôncavo da Bahia, membro do Ocupação Psicanalítica e do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Saúde. É extensionista no projeto "Saúde do Campo para Áreas de Reforma Agrária", também, do projeto aproximações do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi.

A autoria do pensamento cartesiano é arquitetada, a partir do desejo de Descartes, “na busca por uma certeza inquestionável que seja capaz de dar suporte à verdade da construção de uma dada proposição de saber acerca das coisas da realidade” (SOUZA, 2013, p. 47). Esse desejo, embora, não exclusivo à ele, lhe permite a reelaboração do objeto de estudo do sujeito científico, fomentado pela cisão que a produção reflexiva do autor infringe na filosofia que o antecede, “A constituição do saber, antes obtida pela confrontação do pensamento à realidade do ser, sofre, a partir dele, uma inversão diametral. O sujeito torna-se o lugar tenente da ancoragem do saber” (SOUZA, 2013, p. 47).

O pensamento cartesiano é qualificado pela cisão radical, em relação aos seus precedentes, oriundo da afirmação “eu penso, logo eu existo” - condensada na expressão do latim “cogito ergo sum” -, referenciado no *Discurso do Método* (DESCARTES, 1637/1999).

Percebi que, ao mesmo tempo em que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: eu penso, logo existo, era tao sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava. (DESCARTES, 1637/1999, p. 62).

A etiologia do pensamento cartesiano atinge, abstendo-se da apuração de sua eficácia metodológica, a sustentação do sujeito como

central para a mediação universal, garantindo, portanto, “a validade universal da cadeia dos saberes” (SOUZA, 2013, p. 48). Logo, “A partir da certeza inabalável do Cogito, observa-se que tudo que é, é para um sujeito. O sujeito, como *conditio sine quanon* de possibilidade para tudo que é torna-se (...) o mediador universal de todas as coisas que são” (GONTIJO, 1996, p. 155). Dito isso, é como se opera o pensamento cartesiano que nos é apresentado o sujeito científico, não meramente, também, o seu desejo, enquanto sujeito científico, de experienciar a articulação científica.

A premissa de dúvida como centralização da pureza e solidez de uma certeza inquestionável, orienta o surgimento do sujeito como operante irreduzível da inquirição, ou seja, “(...) compreendi então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material” (DESCARTES, 1937/1999, p. 62). Portanto, o sujeito é incipiente, no surgimento de si, enquanto sujeito científico, da condição “de representação de toda representabilidade” (TEIXEIRA, 1991, p. 66). O pensamento cartesiano infere, pela sua lógica filosófica, a existência objetificada de algo que opera irreduzivelmente à articulação de um método de averiguação e mediação do universo das coisas como são.

A proposição cartesiana acerca do sujeito científico o qualifica singularmente por sua função, cogitar. Entretanto, o sujeito é categorizado por um esvaziamento ressarcido que resulta na

elucidação de um sujeito “elevado à categoria do existente imprescindível para dar suporte a toda e qualquer representação possível da realidade” (SOUZA, 2013, p. 60). Essa condição, no método cartesiano (DESCARTES, 1637/1999), condiciona esse sujeito, agora, como passível de uma articulação da experiência científica.

Enfim identificado o sujeito científico e sua operação passível da elucidação da experiência científica, é inevitável a indagação: “(...) como escapar do solipsismo subjetivistas para estabelecer, na sequência, a cadeia diacrônica do saber científico?” (SOUZA, 2013, p. 62). Ora, a lógica do *cogito ergo sum* implica na continuidade do pensamento para ratificação da existência do ser, mesmo que enquanto uma substância irreduzível ao cogitar, ao pensar. Isso ocasiona no circuito ininterrupto do pensamento, incapaz de atingir a mediação do universo afora da relação entre a *coisa pensante* e o pensamento. Veja bem, “O sujeito seria como uma mônada. Fechando em si, o único alimento da sua alma seria a busca incessante para continuar garantindo-se do fato de sua existência” (SOUZA, 2013, p. 63).

“Sem dúvida, essa é uma objetividade completamente exígua, visto que, para se sustentar no tempo, a *coisa pensante* precisa manter-se continuamente pensando em si mesma” (SOUZA, 2013, p. 60). Isso, conseqüentemente, contraria, portanto, o preceito do sujeito ser, também, o mediador universal das coisas como são (GONTIJO, 1996). Logo, Descartes (1614/1999), evidenciando que há a existência

de algo - Deus - que sustenta a operação do circuito mencionado, torna o sujeito passivo da “(...) redescoberta do mundo existente fora do seu pensamento” (SOUZA, 2013, p. 63).

Deus, dito isso, para Descartes, é a causa fundamental da *coisa pensante* condicionar sua existência pensando, portanto, ele evidencia “que deve existir ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto em seu efeito: por que, de onde é que o efeito pode tirar sua realidade a não ser de sua causa?” (DESCARTES, 1641/1999), p. 276). Não obstante, a ideia de Deus

corresponde à ideia de perfeição e se a ideia de perfeição não admite negatividade, logo Deus não pode ser apenas uma ideia destituída de existência. Neste caso, se verificaria a falta de algo, o atributo de existir. Uma ideia que é tão somente uma ideia, sem correspondente de existência, é uma ideia imperfeita. se Deus foi definido como uma ideia perfeita, ele não pode estar privado de um atributo sequer, muito menos do atributo da existência. Se Deus equivale à perfeição, não pode não existir. Logo, Deus existe, e não é apenas uma conjuntura à qual falta existência. (DUNKER, 2008, p.13-14).

A ideia de Deus, para Descartes, procede a implicância de uma ideia perfeita que não poderia ser pensada contida no pensamento de algo imperfeito que a pense, visto isso, existindo de antemão ao pensar de algo imperfeito, da *coisa pensante*, ratifica-se por, justamente, atribuir “(...) a existência dessa ideia a alguma causa real que seja externa a mim. Afinal, é impossível que a composição da representação ‘perfeita absoluta’ retire sua ocorrência da ação perfor-

mática de uma ideia imperfeita” (SOUZA, 2013, p.64). Portanto, a lógica cartesiana, define a existência de Deus, ideia perfeita, como assunção para a garantia dos erros do pensamento desvinculados à Deus, visto que “Os erros do meu juízo não devem ser atribuíveis a Deus, mas, tão somente, à carência de perfeição que caracteriza os limites do meu entendimento” (SOUZA, 2013, p. 66). Isso infere que tudo pensado com *clareza*<sup>2</sup> e *distinção*<sup>3</sup> está correto, assimilando-se a ideia de Deus e, por este mesmo motivo, assegura-se que aquilo que é pensado com clareza e distinção existe pela garantia divina, “Deus é, portanto, a garantia da verdade e da universalidade de todo pensamento claro e distinto” (SOUZA, 2013, p. 66).

A prossecução do pensamento cartesiano é retomada por Heidegger, onde seu pensamento será utilizado como elo entre o sujeito científico e psicanalítico, sob perspectiva lacaniana. O evidenciado, por Heidegger, induz à *coisa pensante* a representação de si como precedente a todo pensamento incipiente, ou seja, “Todo ‘ego cogito’ (“eu penso”) é: ‘cogito me cogitare’ (“penso me pensar”)” (HEIDEGGER, 1961/1971, p. 124). Dito isso, no sentido concêntrico de sua releitura, o autor implica que

---

<sup>2</sup> “A clareza diz respeito à simplicidade da percepção de uma representação” (SOUZA, 2013, p.62).

<sup>3</sup> “A distinção implica, necessariamente, a separação nítida de uma representação em relação a todas as outras com as quais poderia se confundir” (SOUZA, 2013, p.62).

O eu que representa é muito mais essencial e necessariamente vem correpresentado em todo o “eu represento”, ou seja, como algo para o que, de volta ao que e diante do que toda coisa representada é posta. Para isso, não preciso de um retorno explícito a mim, aquele que está representando. Na intuição imediata de alguma coisa, em toda reatualização, reevocação, em toda lembrança, em toda expectativa, o que é representado pelo ato de representar me é representado a *mim*, colocando diante *de mim*, de tal modo que eu próprio não me torno por meio disso o objeto de uma representação - não obstante, estou presente “a mim” numa representação objetiva, e de fato somente em tal representação. Dado que todo ato de representar apresenta o homem que representa o objeto, o homem que o representa é “representado implicitamente” de maneira singular e reservada. (HEIDEGGER, 1961/1971, p. 125<sup>4</sup>).

O sujeito da psicanálise detém sua centralização na partícula, dentro da conjuntura filosófica do *cogito ergo sum*, no *ergo*. Lacan indica que “se evidencia que nada é falado senão apoiando-se na causa” (LACAN, 1966/1998, p. 879). A ênfase à partícula do *ergo* explicita o intervalo entre o *cogito* e *sum*, onde indicia-se a sustentação do predicado, referente ao pensamento cartesiano, diante da incipiência ou aparecimento de um sujeito, o sujeito psicanalítico, ou seja, “Ele é, tão somente, a partícula da precipitação de uma certeza evidente: a de que o sujeito existe como o lugar de sustentação do pensamento” (SOUZA, 2013, p. 89).

Em contraposição ao sujeito científico, o sujeito cartesiano, enraizado no pensamento lógico e consciente-de-si alegando *clareza* e *distinção*, a partir do racional, “a psicanálise acolhe essa falta radical

---

<sup>4</sup> Tradução de Marcelo Fonseca Gomes de Souza.

que origina o desejo” (SOUZA, 2013, p.97). Portanto, é extraído da preposição a indagação acerca do desejo do sujeito psicanalítico, de onde que ele surge? Dito isso, a partir da interlocução da incipiência de desejo, adentramos o espaço dialógico entre ambos sujeitos psicanalítico e científico, operando sob seus interstícios e suas interdições.

Ora, retomando ao *Cogito ergo sum*, a partícula *sum* nos impõe, em analogia, a validação consecutiva, seriada da existência da *coisa pensante* oriunda da noção da ratificação pela ideia perfeita, a ideia de Deus, “Descartes, nesse segundo momento, recoloca Deus em jogo. Deus, por retroação, sustenta a permanência da sua existência como ser pensante” (SOUZA, 2013, p. 95). Porém, Lacan, retoma a partícula *sum* considerando a valência, para Descartes, de Deus reconhecendo como traço unário (*einziger zug*) freudiano, um suporte a identificação identitária (TEIXEIRA, 1991). É na premissa do contato com o campo do Outro<sup>5</sup> que surge a falta, e assim, oriunda-se o desejo como solução a essa ausência. Este sujeito desejante que *falta-a-ser* dimana do cometimento ao Outro, “mas que não encontra nesse Outro a garantia da sua identidade” (SOUZA, 2013, p.96). Portanto, “o sujeito da psicanálise, assim como o sujeito cartesiano no segundo instante do método, deve ser pensado a partir da sua referência intrínseca ao campo do Outro” (SOUZA, 2013, p. 95).

---

<sup>5</sup> “Posso apenas indicar a consequência prodigiosa que teve esta recolocação de verdade entre as mãos do Outro, aqui Deus perfeito, cujo negócio é a verdade, pois o que quer que ele tenha querido dizer, sempre será verdade” (LACAN, 1964/1998, p. 39)

O sujeito psicanalítico, por ter sua natureza atributiva à ausência, este urge da *dessubstancialização*, ou seja, “Ele é encontrado no lugar da queda de toda garantia externa de saber” (SOUZA, 2013, p.95). Não obstante, este sujeito revela sua pontualidade na manifestação do ponto de desfalecimento do sentido, a qual, eventualmente, se evanesce, pois sustenta, se não, apenas o instante mínimo de uma enunciação, logo “O sujeito da psicanálise, encontrado nos interstícios do discurso é, como sujeito do primeiro momento do método cartesiano, um existente (a) *dessubstancializado*, (b) *pontual*, (c) *evanescente*” (SOUZA, 2013, p. 95).

Em suma, Descartes submete a falta, no contato com o Outro, na incógnita do desejo de Deus, renunciando-se de seu desejo concomitante a sua submissão à garantia divina de validação temporal, “Descartes ao deparar-se com o ponto de falta, lugar onde seu desejo é articulado, livra-se da sua experiência vertiginosa pelo artifício da submissão a Deus” (SOUZA, 2013, p. 98), categorizando o sujeito científico. Enquanto, “O sujeito da psicanálise, de modo oposto, ao buscar no Outro uma garantia para o tamponamento da falta, encontra, nele, somente a marca da incompletude” (SOUZA, 2013, p. 98). Ao abordarmos ambos os sujeitos, psicanalítico e científico, retomo as indagações centrais do artigo: Há um sujeito na psicose? Como ele intersecciona com os sujeitos psicanalítico e científico?

“(…), fazendo-nos distinguir o sujeito, aquele

que fala, e o outro com o qual ele está preso na relação imaginária, centro de gravidade do seu eu individual, e no qual não há palavra. Esses termos nos permitirão caracterizar de maneira nova psicose e neurose” (LACAN, 1955, p. 54).

Isso nos implica cogitar a centralização do sujeito da psicose, se há um, na partícula *sum*? Como esse sujeito, portanto, se relacionaria no campo do Outro? Lacan retoma, “(...) e de que todo o mundo está de acordo em dizer que ele é fantasmático” (LACAN, 1955, p.52). Logo, se se pensa na existência desse sujeito, até que medida a) a validação que perpassa a dimensão do Outro o qualifica como existente para si e b) isso, em sua estrutura, seria importante? A episteme da psicose aparenta romper com a fidelidade da averiguação da distinção e clareza por um Outro, entretanto, de nada nos impede de pensarmos na psicose com um sujeito atuando, visto que, dessa forma, se é humanizado o *estar* em psicose. Dito isso, é imprescindível assujeitar o psicótico, realçando uma relação humanizada na sua representação. Por fim, o artigo, logo, impele novos estudos acerca do sujeito na estrutura psicótica.

## Referências:

Souza, M.F.G. O sujeito da Psicanálise: Interloquções de Jacques Lacan com Descartes, a teoria da ciência moderna e o estruturalismo. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2013.

\_\_\_\_\_. O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956). Tradução de: MENEZES, A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 20.

HEIDEGGER, M. Nietzsche II (1961). Traduit de l'allemand: Pierre Klossowski. Editions, Gallimard, 1971.

DESCARTES, R. Discurso do Método; As paixões da Alma; Mediações. Tradução de: Corvisieri, E. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção “Os pensadores”).

GONTIJO, E.D. “A abordagem estrutural e a questão do sujeito do ponto de vista da ética”. In: MARI, H.; DOMINGUES, I.; PINTO, J. Estruturalismo, Memória e Repercussões. Belo Horizonte: Diadorim, s/d. p. 153-162.

\_\_\_\_\_. A ciência e a verdade (1966). In: Escritos. Tradução de: RIBEIRO, V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964a). Tradução de: MAGNO, M.D. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DUNKER, C.I.L. Descartes e o método psicanalítico. In: Revista Estudos Lacanianos, Ano I, n. 1, jan./jul. 2008. Disponível em: <[www.fafich.ufmg.br/estudoslacanianos](http://www.fafich.ufmg.br/estudoslacanianos)>. Acesso em 08/08/2009.

# A ESTRUTURA PSICÓTICA E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE DONALD WINNICOTT

Keziah da Costa Silva Rezende<sup>1</sup>

## RESUMO:

O presente estudo discorre sobre a relação entre a estrutura psicótica e o desenvolvimento emocional primitivo a partir das contribuições de Donald Winnicott. Com a finalidade de ilustrar a temática em questão foi analisado o caso clínico apresentado no documentário *Child of Rage (A Ira de um Anjo)*, lançado pela HBO em 29 de setembro de 1992 em que aponta como a negligência de os cuidados físicos e emocionais podem afetar o desenvolvimento emocional do indivíduo.

**Palavras-chave:** Estrutura psicótica. Provisões ambientais. Desenvolvimento Emocional.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como objetivo evidenciar a importância do cuidado na estruturação psíquica do indivíduo, ou seja, no desenvolvimento emocional da criança em seu primeiro ano de vida. Para tal, utilizou-se, como aporte teórico, as contribuições de Donald Woods Winnicott (1896-1971) e sua leitura *outra* sobre a psicose. Foi

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

mapeado as publicações da obra winnicottiana relevantes para discussão desta temática. Como pediatra e psicanalista Winnicott atendeu diversas mães e seus bebês e percebeu nessa díade, aspectos similares aos de pacientes psicóticos. A partir dessa relação, discute, na sua clínica para adultos três tipos de casos distintos: 1) pacientes que funcionam como pessoas inteiras (neuróticos); 2) pacientes recém-integrados (depressivos) e 3) pacientes em que o analista terá que lidar com os estágios primitivos do desenvolvimento emocional (psicóticos). Nesse caso, o paciente não chegou a se integrar, não é uma unidade (Winnicott, 1967).

Com a finalidade de evidenciar a estruturação psíquica do indivíduo, possivelmente psicótica, e sua relação com o desenvolvimento emocional foi analisado o caso clínico de Beth, apresentado no documentário *Child of Rage* (A Ira de um Anjo), lançado pela *HBO* em 29 de setembro de 1992.

Para análise do caso, foi considerado as contribuições winnicottianas devido a sua teoria do desenvolvimento emocional nos oferecer um arcabouço satisfatório em casos como o de Beth e possivelmente em demais casos de crianças que passam por situações de vulnerabilidade social e são vítimas de abuso ainda em seu primeiro ano de vida. Além disso, e de acordo com as contribuições de Nasio (2001) sabe-se que a reconstrução ou estudo de um caso clínico pode exercer uma função didática, uma forma de transmitir a teoria ao conduzir o leitor ao plano abstrato dos conceitos.

## 2 O ‘CASO BETH’ E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO

O caso clínico retratado no documentário é sobre uma menina de seis anos e meio chamada Elizabeth Thomas e suas sessões de psicoterapia com o Dr. Ken Magid. Ela e seu irmão foram adotados por um casal quando tinham respectivamente dezanove meses e sete meses de idade. Os pais adotivos perceberam que, à medida em que ia crescendo, Beth demonstrava sinais de abuso em seu comportamento, isto é, era cruel com seu irmão e com os animais, apresentava comportamento sexual inapropriado e não demonstrava nenhum tipo de remorso por suas atitudes. Diante desse quadro, os pais adotivos resolveram buscar ajuda com o Dr. Ken Magid, um psicólogo clínico especializado no tratamento de crianças severamente abusadas.

Nos primeiros anos de vida o ambiente exerce uma contribuição fundamental para os processos de maturação do ego. À medida que a criança recebe as provisões ambientais (segurar, manejar e apresentação de objetos) que atendem às suas necessidades específicas, seu processo de desenvolvimento emocional resulta em separação do “eu” e do “não eu”. Durante a passagem de uma fase para outra acontecem fases intermediárias que, na ausência de uma “mãe suficientemente boa”<sup>2</sup> desenvolve-se o processo de predizibilidade (patologia) (WINNICOTT, 1967/1975).

---

<sup>2</sup> Segundo Winnicott (1967/1975), a mãe suficientemente boa é aquela que consegue atender às necessidades específicas da criança, bem como é aquela que consegue reparar as falhas a tempo.

As experiências traumáticas de Beth aconteceram até o seu décimo nono mês de vida, ou seja, no início de seu desenvolvimento emocional, comprometeram de forma severa seu processo de maturação do ego. As condições de violência e vulnerabilidade que Beth sofreu, do seu pai biológico, gerou nela comprometimento físico, social e psíquico. Deste modo, podemos inferir que não houve provisão ambiental, isto é, lhe faltou um ambiente que atendesse às necessidades físicas e emocionais da criança. (WINNICOTT, 1967/1975).

Para Winnicott (1952-2021), as bases da saúde mental são lançadas na primeiríssima infância, ou seja, quando se é um bebê. É nessa fase que os cuidados físicos se constituem como cuidados que contribuem com o desenvolvimento emocional do bebê caso exista um **ambiente suficientemente bom** que atenda às necessidades específicas do bebê. “No caso das psicoses, isto ocorreu em estágios iniciais da vida quando o bebê ainda não era um “eu” que podia defender-se da falha ambiental sem aniquilar-se” (DIAS, 1999, p. 17).

“A saúde mental é produto dos cuidados contínuos que possibilitam a continuidade do crescimento emocional pessoal” (WINNICOTT, 1952-2021, p. 395). A saúde mental só é possível a partir de um contato inter-humano, no seio familiar, mais especificamente graças aos pais na primeiríssima infância. Nesse sentido, em termos gerais, as psicoses são concebidas pelo autor como

organizações defensivas contra agonias primitivas e inimagináveis.<sup>3</sup>

O desenvolvimento de estar dentro do próprio corpo, se sentir inteiro, ter um sentimento de existência. Essas dificuldades dizem respeito à constituição do si-mesmo (self) como identidade e ao contato com a realidade externa. No psicótico isso se perdeu em algum ponto ao longo da jornada à maturidade (DIAS, 1999, p. 16).

Os cuidados corporais no início da vida, constroem naturalmente o que o autor vai chamar de “personalidade satisfatória”. O fenômeno psicótico da despersonalização também está relacionado ao retardamento da personalização no início da vida.

Em casos como o de Beth o analista deverá: “lidar com os estágios iniciais do desenvolvimento emocional” ( WINNICOTT, 1955/197, p.375). Em suas primeiras fases de desenvolvimento, o ambiente (aqueles que cuidam da criança) desempenha um papel fundamental no processo de separação entre o “eu” e o “não eu”. A família, enquanto ambiente, tem um importante papel no processo de desenvolvimento emocional de uma criança (WINNICOTT, 1962/1988) quando se entende como ambiente, as pessoas que se ocupam efetivamente do seu cuidado. Nesse processo a figura da mãe, ou de quem cuida da criança, exerce a função de espelho, isto é, enquanto objeto percebido pela criança torna-se fundamental para garantir que o desenvolvimento emocional siga seu curso. Quando isso não ocorre o bebê passa pela experiência de “não receber de volta

---

<sup>3</sup> Winnicott (1962-2021) caracteriza como ansiedade inimaginável como: 1- despedaçar-se; 2- Cair para sempre; 3- Não ter conexão alguma com o corpo e 4- Não ter orientação.

o que está dando” e dessa forma, sua capacidade criativa começa a atrofiar e ele passa a “procurar outros meios de obter algo de si mesmo de volta, a partir do ambiente” (WINNICOTT, 1962/1988, p.177).

Como consequência desta relativa falha materna ou do ambiente, o processo de maturação psíquica da criança fica comprometido. As falhas ambientais que ocorrem nos primeiros estágios do desenvolvimento e que não são reparadas podem acarretar possíveis psicopatologias. Na estrutura psicótica é provável que tenha havido falhas dos cuidados nos primeiros anos de vida. “Se o ambiente facilitador não for satisfatório rompe-se a linda da vida, e as tendências herdadas não podem levar a criança à plenitude pessoal” (WINNICOTT, 1963, p.139). Na psicose houve negligência a nível físico e emocional nos primeiros anos de vida ocasionando um distúrbio na estrutura da personalidade do indivíduo, levando à desintegração; isso ocorre também nos casos classificados como delinquência e psicopatia.

A fase do conflito para essas situações se dá no momento do desenvolvimento emocional primitivo, quando é necessário que a mãe segure concretamente o lactente e isso não ocorre. (WINNICOTT, 1954/1988). Vale ressaltar que diferente de estruturas integradas (neuróticas) em que conflito e ansiedades, estão localizados no estágio do complexo de Édipo – que é o estágio de experimentar relacionamentos entre três pessoas – em casos de psicose, não há o complexo de Édipo, visto que o indivíduo está preso ao estágio inicial do desenvolvimento.

No caso de Beth, presume-se que a “função ambiental” (segurar, manejar e apresentar os objetos) não foi bem-sucedida, comprometendo o processo de integração do *self* (WINNICOTT, 1962/1988). As provisões ambientais não lhes foram providas de modo satisfatório, gerando dificuldades no processo de separação do "eu" e o “não eu”, ou seja, de integração. O comportamento agressivo de Beth e os sintomas psicóticos que apresentava contra si e contra os outros expressava essa busca de meios para encontrar um sentido existencial, de uma integração psíquica.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da teoria winnicottiana compreende-se que pessoas não-integradas são aquelas que de alguma forma não tiveram a provisão ambiental necessária para que se desenvolvessem emocionalmente. Casos como este em que há negligência de cuidados físicos e emocionais contribuem para que a estruturação psíquica do indivíduo seja, possivelmente, psicótica. O caso relatado, de Beth, ilustra como as falhas ambientais na primeiríssima infância podem comprometer a saúde mental do indivíduo. Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento emocional primitivo proposta por Winnicott serve como aporte teórico para compreendermos que os cuidados no primeiro ano de vida são de extrema relevância para a estruturação psíquica.

## REFERÊNCIAS:

DIAS, ELSA. **A clínica das psicoses e a teoria do amadurecimento de Winnicott.** Infante – Rev. Neuropsiq. da Inf. Adol. 8-41, 1999.

NASIO, J.-D. **Os grandes casos de psicose.** Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WINNICOTT, Donald W.(1962). **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1988.

\_\_\_\_\_(1967). **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1975.

\_\_\_\_\_(1955). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In: **Da pediatria à psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1978.

\_\_\_\_\_. **The association for child psychology and Psychiatry observed as a group phenomenon (1967).**

\_\_\_\_\_. (Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão do processo analítico), 1954. In: *Da Pediatria à Psicanálise.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. **O bebê e suas mães.** Editora UBU, 2020.

# A PSICOSE COMO PARADIGMA DA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Maria Clara Carneiro Bastos<sup>1</sup>

## Nuances entre ética e política do inconsciente

As marcas da contemporaneidade são percebidas na clínica, a partir da efervescência de nomenclaturas para as patologias psíquicas, que são setores fundamentais de processos de socialização, à medida em que os sujeitos internalizam modos de inscrever o sofrimento, alocando seus “desvios” em quadros clínicos socialmente reconhecidos (SAFATLE, et *al.*, 2020). No âmbito da experiência individual, são inúmeras as possibilidades de construção subjetiva do sofrimento, sendo igualmente incontáveis os modos de manifestação daquilo que, com certo simplismo, a psiquiatria designa de adoecimento mental.

A psicanálise se aproxima desse cenário a partir do princípio ético de fazer surgir o sujeito do inconsciente, sempre singular em suas invenções, escapando a homogeneização diagnóstica (BRODSKY, 2013; LAURENT, 2012; MILLER, 2010; TENDLARZ, 2007;

---

<sup>1</sup> Psicóloga pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pós-graduanda em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana (IPB). Aprimoranda em Transtornos Alimentares - (IPq/USP).

RECALCATI, 2004). A práxis psicanalítica demarca este princípio em sua origem, na teoria freudiana, apresentando uma descontinuidade radical com a racionalidade de seu tempo (MEZZA, 2018). A proposta psicanalítica rompe com o saber vigente e preceitos filosóficos da modernidade que, apesar de construir seu lugar onde epistemologicamente não se entende como continuidade de nenhum outro saber pré-estabelecido, se correlaciona com saberes sobre a humanidade (GARCIA-ROZA, 2009).

A questão da singularidade, como diretriz ética no campo da psicanálise, é o que pode evitar a função de prescrição e controle (VERAS, 2009). Os ensinamentos de Freud e de Lacan nos indicam que a singularidade está no modo de satisfação pulsional, na origem da constituição do sintoma de cada um, configurando, a partir daí, as formas de estruturação das relações sociais do sujeito. Por isso, cabe articular a concepção sócio-política à dimensão da clínica renovada por Lacan ao tomar a psicose, em suas nuances, como modo de leitura da clínica do *sinthoma*.

### **Da estrutura à singularidade do laço social na Psicose**

Tomo a premissa freudiana de que o mal-estar é uma condição da existência humana na sua relação com a civilização (FREUD, 1930/2010). Frente à essa condição, cada sujeito pode, servindo-se da cultura e das interdições à satisfação pulsional impostas por ela, construir uma trajetória particular na vida, não sem consequências.

O sintoma para Freud (1930/2010) é a via pela qual o sujeito vai readquirir, de maneira deformada, a satisfação pulsional que fora barrada pelas normas e regras sociais. Essas formulações freudianas permitem com que Lacan (1969-1970/1992) demarque que, através da cultura, entendida especialmente na sua relação com a linguagem, os seres falantes poderão construir seu próprio discurso, construindo sua história e se servindo da ordem simbólica vigente, pautada em códigos compartilhados e leis que lhes são comuns.

A influência estruturalista no ensino lacaniano marca uma leitura específica sobre a linguagem como ordem de determinação da civilização humana, destacando o lugar do registro simbólico, delimitação essencial para legitimar as estruturas psíquicas e seus modos particulares, seja a neurose, psicose ou perversão.

Considerando a estruturação do sujeito no mundo a partir das leis da linguagem, Lacan (1969-1970/1992) sublinha que o discurso permite compreender a relação do sujeito em seu encontro no campo do Outro e os afetamentos advindos disto, que só se torna possível por intermédio da linguagem. O discurso se constitui como um campo definido e estruturado de um saber, sobretudo, o discurso é fundado pela linguagem (GENEROSO, 2008).

Lacan (1932/1987) jamais deixou de se interessar pelos estudos acerca da psicose, tema de sua tese de doutorado, intitulada *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*. O exercício lacaniano de revisitar Freud denuncia sua postura diante da

psicose, entendendo-a segundo sua lógica, especificação e determinação. Assim, a psicose não pode ser compreendida como um mero estado crise, mas sim, diz respeito a uma estrutura clínica que desencadeada ou não tem suas próprias particularidades e manejos específicos.

A psicose, como estrutura clínica, se revela no dizer do sujeito, correspondendo a um lugar particular na articulação dos registros real, simbólico e imaginário. Desse modo, não há tratamento que não seja efetivado através de um discurso, sendo assim, toda proposta de tratamento se insere num laço social.

O humano, como sujeito da linguagem, não pode se esquivar da interação com o universo simbólico, porém, é justamente na relação com o significante que se instauram questões sobre a loucura de cada um. É através desse registro que Lacan demarca as condições imprescindíveis para compreensão do sujeito psicótico: a foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna.

Quinet (2014) apresenta que a “foraclusão é um neologismo que se utiliza do português para designar que não há inclusão, que o significante da lei está fora do circuito, sem deixar, no entanto, de existir, pois o que está foracluído no simbólico retorna no real” (p. 17). De maneira mais específica, na psicose, a foraclusão do Nome-do-Pai corresponde a um rechaço ao registro simbólico, implicando a não travessia da epopéia edipiana, já que o sujeito não foi submetido à castração simbólica. A foraclusão remete a noção da lei e da sua abo-

lição.

De acordo com Lacan (1958/1998), esta é a questão preliminar a todo tratamento possível em psicanálise. O Nome-do-Pai é o significante que marca a entrada na linguagem e articula uma cadeia de significantes. A ausência na inscrição desse significante acarreta aquilo que para Lacan marca a característica singular da psicose, sua interação própria com a linguagem, ocasionando distúrbios de linguagem e as alucinações.

Os distúrbios da linguagem dão margem para interpretar que, ainda de seu modo próprio, o sujeito psicótico inserido na cultura, se vale da linguagem, porém, a partir de perspectivas particulares. Não é à toa que, o psicótico estabelece modos de comunicação com o mundo externo a partir do que convém sua realidade psíquica (LACAN, 1995-1996/1985).

A marca do Lacan (1955-1956/1985) estruturalista já apresenta que a psicose nas particularidades de sua estrutura estabelece laço com aquilo externo a sua realidade psíquica. Ainda que de maneira rudimentar, o sujeito psicótico significa, a partir de suas possibilidades, as experiências que lhe tomam o corpo. Neste lugar, já se indica a aposta da inscrição da psicose no discurso, tendo como ponto de partida a identificação daquilo que se trata o delírio, fazendo deste um modo de enfrentamento ao insuportável, de comunicação e de laço com o mundo externo.

A estrutura psicótica não se estabelece por deficiência biológica-sensorial, mas pela precarização de mediação do simbólico. Pode-se dizer que se trata da clínica do real, daquilo que se faz sentir na dimensão corporal de modo direto, sem nomeação ou representação. A psicose revela algo da angústia que domina o corpo maciçamente, sem nome ou explicação, dando provas da irrupção de um real sem lei. Conquanto, se o Outro neurótico é “mudo”, representado, isso implica que seu discurso atravessa o muro da linguagem, através de formações inconscientes, lapsos, atos falhos, sonhos, etc. Por sua vez, na psicose o Outro fala, aparece sem representação, provocando reações à nível corporal de sentir-se fragmentado, tomado por algo que não corresponde a um Eu. Isso faz com que o sujeito psicótico, contrário ao neurótico que habita a linguagem, “seja habito pela linguagem” (QUINET, 2014, p. 18).

Pode-se dizer que, a particularidade psicótica revela, aquilo que a estrutura neurótica mantém em segredo (LACAN, 1964/1979). Assim, o significante foracluído no simbólico retorna no real sob forma de delírio. Nessa mirada, o ensino de Lacan (1975-1976/2007) nos permite considerar o delírio como um discurso articulado. O rito neurótico da metáfora paterna equivale, na psicose, ao advento da metáfora delirante, “trata-se de uma combinação de elementos onde a intenção de situar o fenômeno elementar assume um valor” (MILLER, 2005, p. 2). O delírio é uma resposta diante dos impasses que retornam no real, caracterizando-o pela proliferação de elementos imaginários, na tentativa de mediação à significação fálica da qual carece.

## A função do delírio

A ênfase freudiana da função do delírio como tentativa de cura e como remendo na relação do sujeito com a realidade é elucidada neste prisma, onde o delírio representa o mundo imaginário em estado desenvolvido. É por essa via que o psicótico tenta organizar alguma integração simbólica.

O que se avista no processo de elaboração de um sistema delirante é uma tentativa de reconstrução por meio do qual o psicótico, sem o suporte da significação fálica, lida com a estrutura da linguagem, ensaiando alguma produção de sentido que o sustente psiquicamente. Na clínica, cabe ao analista assessorar e acompanhar o frágil equilíbrio delirante do psicótico, ao invés de demonstrar determinações inconscientes na esfera da suposição de saber, consolidando uma rede de sentidos capaz de protegê-lo de ser tomado pelo furo do real, sempre iminente (LACAN, 1975-1976/2007).

Cabe ressaltar que, nem todo psicótico consegue se organizar através de uma ficção delirante tão sofisticada quanto aos escritos de Schreber (FREUD, 1911/2010). O delírio é sempre uma metáfora frágil simbolicamente, embora, assim como o sintoma neurótico, seja uma solução singular para um conflito psíquico.

O delírio psicótico denota um esforço de invenção do Um-zinho, sem Outro, em uma lógica não compartilhada. Lacan (1958/1998) aborda a loucura de Schreber em sua tese de que o psicótico não está fora da linguagem e a reafirma no seu seminário so-

bre o *sinthoma*, tomando o escritor James Joyce (LACAN, 1975-1976/2007) como um novo paradigma para pensar a forclusão e seus efeitos de laço. Destaca aí que a psicose guarda uma relação direta com o significante, o suporte material da linguagem, apresentando-o em sua forma radical, pura, sem se remeter a mais nenhuma significação.

Em seu último ensino, iniciado nos anos 70, Lacan (1975-1976/2007) propõe uma mudança no estatuto do sintoma. Se, antes, o sintoma partia da ordem do deciframento, nessa outra conjuntura, a ênfase é colocada na vertente do gozo do sintoma. O *sinthoma* é pensado como um modo ou uma fixação de gozo, algo que faz amarração (MILLER, 1998).

Lacan (1975-1976/2007) desenvolve pontos teóricos que permitem elaborar que há outra forma de ordenação da subjetividade que não passa, necessariamente, pelo Nome-do-Pai, encontrando suporte em outros elementos que apresentam estrutura de sintoma, dando margem a outra forma de compreensão sobre a psicose. Nesse momento da teoria lacaniana, Miller (1998) sublinha que o Nome-do-Pai nada mais é que um sintoma, assim, ambos respondem ao real de suas operações, localizando ou fixando o gozo.

### **Da ordem do impossível...**

Pensar a loucura como condição indissociável do humano, apresentando-se como produto e produtora de seu contexto, possibilita percebê-la como tentativa de enfrentamento de cada um, na sua parti-

cularidade, às amarras e imposições sociais. A partir dessa perspectiva, existe possibilidade de pensar o laço social (LACAN, 1969-1970/1992) na estrutura psicótica, uma vez que, o discurso engendra uma trama social, onde o louco, a seu modo, também estabelece vínculos aquilo que corresponde a sua realidade psíquica.

O ensino de Jacques Lacan renovou a perspectiva psicanalítica, para além do desejo freudiano, ampliando as possibilidades de ação e uso (MILLER, 2005). A localização da psicanálise está no laço transferencial que supõe o lugar do Outro. Esse é o espaço em que o inconsciente se manifesta no dizer com maior liberdade. Em face ao discurso igualitário das terapias atuais, o saber psicanalítico investe em ultrapassar as barreiras dos discursos hegemônicos.

Aqui, se trata de uma perspectiva teórica e prática que aponta para o sujeito de direito e dever, “buscando resgatá-lo da condição de objeto a, ao qual ele é frequentemente reduzido nos dispositivos institucionais, para interrogar seu sintoma como criação que faz suplência ao que rateia na constituição do laço social” (VERAS, 2007, p. 9). Ao analista, cabe construir novas ferramentas para avançar na clínica ante as novas apresentações do mal-estar, tomando como cerne que "o sintoma é o nó da subjetividade" (TIZIO, 2015, p. 57). Concordamos com Tarrab (2005) ao afirmar que “para remover algo desta fixação, há que se reconstruir o Outro” (p. 3).

Os estudos freudianos são desenvolvidos através do recorte específico de uma época, deixando estampado que não há caminho benigno ou não danoso, fácil de percorrer e à prova de danos colaterais, seja na neurose, psicose ou perversão. A aposta da psicanálise é reafirmar a posição de sujeito no liame social, indicando que não há caminhos sem angústias. Igualmente, não há cultura sem mal-estar.

O real, invenção lacaniana para abordar o impossível que chega na clínica, traz a dimensão do furo, do que escapa a nomeação e não é passível à decifração, é o sem sentido, a marca de gozo de cada um. O impossível que chega na clínica, demonstra as nuances daquilo que a linguagem não alcança e a análise não apazigua, sob o qual o axioma “não há relação sexual” (LACAN, 1972/2008, p. 546) demonstra a face da impossibilidade.

## REFERÊNCIAS

BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. **Opção Lacaniana** online nova série. ano 4. n. 12; 2013. Disponível em [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_12/a\\_loucura\\_nossa\\_cada\\_di\\_a.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_12/a_loucura_nossa_cada_di_a.pdf). Acesso em 12 jun. 2023.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1929-1930), in Sigmund Freud: Obras Completas, v. 18; Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras; 2010.

FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia. Relato em autobiografia – O caso Schreber**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2010. (Lições originalmente publicadas em 1911)

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GENEROSO, C. M. Considerações sobre a psicose e laço social: o fora-do-discurso da psicose. *CliniCAPS*, 2(4): 1-10, 2008.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente freudiano [La instancia de la letra en el inconsciente freudiano]. In: **Escritos**. Jorge Zahar; 1998. (Texto original publicado em 1958)

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; p. 873; 1998. (Lições originalmente publicadas em 1958).

LACAN, J. **O seminário - livro 17 – O avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992 (Original publicado em 1969/1970).

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. (Lições originalmente pronunciadas em 1964).

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Lições originalmente pronunciadas em 1975-1976).

LACAN, J. **O seminário: Livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Texto original publicado em 1972-1973).

LACAN, Jacques. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. (Lições originalmente pronunciadas em 1932).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Lições originalmente pronunciadas em 1955-1956).

LAURENT, E. O tratamento das escolhas forças da pulsão. **Responsabilidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 21-31, mar./ago; 2012.

MEZZA, M. A teoria da loucura em Lacan como crítica ao patetismo da doença mental. Belo Horizonte: **Estudos de Psicanálise**, (49): 139-148; 2018.

MILLER, J-A. **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

MILLER, J-A. **Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

QUINET, A. **Psicose e laço social**. Esquizofrenia, paranóia, melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

RECALCATI, M. A questão preliminar na época do Outro que não existe. **Latusa digital**, ano 1, n. 7, jul; 2004. Disponível em [http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_7\\_a2.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_7_a2.pdf). Acesso em 27 jun. 2023.

TARRAB, M. Produzir novos sintomas. **Revista aSEPHallus**, (52), 2005. [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_02/artigo\\_05port\\_edicao02.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/artigo_05port_edicao02.htm)

TENDLARZ, S. E. O inclassificável. In: A variedade da prática: do tipo clínico ao caso único em psicanálise. Rio de Janeiro: **Contra Capa Livraria**, 27-32; 2007.

TIZIO, H. **La función del síntoma**. Granada: Editorial Universidad de Granada; 2015.

VERAS, M. F. A. A loucura entre nós: a teoria psicanalítica das psicoses e a saúde mental. Tese. (Doutorado em Psicologia) – **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2009.

VERAS, M.F.A.S. Saúde mental: uma clínica sem privilégios. **CliniCAPS**, 1(3); 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-60072007000300007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-60072007000300007). Acesso em 8. mar. 2023

# O QUE E\$CAPA

# ***IF WE FORGIVE OUR FATHERS WHAT IS LEFT: ANÁLISE E REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O POEMA 'FORGIVING OUR FATHERS' DE DICK LOURIE***

João Pimentel Santos Santana Coelho<sup>1</sup>

Murilo Rigaud<sup>2</sup>

## **Introdução**

Publicado por Dick Lourie, o livro *Ghost Radio* (1998) compreende uma variedade de poemas acerca de artistas clássicos do Rock and Roll, da política americana e de uma nostalgia da juventude nos anos 1950. Dentre eles, encontra-se a republicação do poema *forgiving our fathers*<sup>3</sup>, publicado originalmente na obra *Anima* (1997). O poema explora a imagem poética de um pai em meio a cenários contraditórios, refletindo um eu lírico cindido que questiona, por fim, o que restaria após um perdão. O poema em questão explora uma problemática nevrálgica para a psicanálise: a função paterna. Nos versos de Lourie, a imagem do pai é a temática e a mola propulsora

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela UFBA e pesquisador na área de Literatura.

<sup>2</sup> graduando em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela UFBA, pesquisador IC filiado à corrente teórica da Análise de Discurso Materialista e membro do grupo de estudo em psicanálise - SIPSU.

<sup>3</sup> O poema será analisado em sua versão original, pois a tradução dos versos para o português, sobretudo da palavra “fathers”, provocaria possíveis efeitos outros de sentido, resultando em interpretações para além do proposto. Por exemplo, o significante “fathers” pode ser traduzido para o português como “pais”, “progenitores” ou “procriadores”, contudo, todas as alternativas possibilitam a significação da presença da mãe e do pai concomitantemente. Portanto, optou-se pela preservação do escrito em língua inglesa nas citações e na análise deste ensaio a fim de evitar a ambiguidade do significado da palavra “pais” existente na língua portuguesa.

dos questionamentos do eu poético. Além disso, o texto lírico pretendido à análise também está incluído no filme *Smoke Signals* (1998). Nele, o poema sofre algumas alterações quanto à sua extensão, sendo encurtado em razão da elisão de alguns versos. Logo, uma decisão faz-se necessária: a opção pelo poema original, escrito e publicado por Lourie - do contrário, outras leituras seriam suscitadas.

Em consonância com Mieke (2017, p. 16), ainda que a autora pense a narratologia em prosa, a crítica psicanalítica não deve buscar um diagnóstico dos sujeitos envolvidos na obra literária e, portanto, a presente análise escapa às estruturas propostas por Freud — neurose, psicose e perversão. Contudo, não podem ser ignoradas características inerentes às estruturas psíquicas de Freud quando se pensa o eu lírico de *forgiving our fathers*. No poema, o eu poético questiona, em conclave com o leitor, se deve ou não perdoar o pai diante de cenários antagônicos perpassados pela dúvida acerca do que restaria após o ato. Sob o prisma psicanalítico, essa imagem poética do pai é o que se procura comentar, com base nos conceitos de Complexo de Édipo, a partir da leitura de Jacques Lacan, e o Mito do Pai Primevo, concebido por Sigmund Freud.

Dor (1991, p. 9) assevera que “a função paterna constitui um epicentro crucial na estruturação psíquica do sujeito”. Pensar, portanto, a construção imagética do pai no poema em questão é pensar, conseqüentemente, a formação psíquica do eu lírico diante da imagem ambivalente do pai. Ainda na perspectiva de Dor (*ibidem*), o Pai Real não seria o fundador ou o detentor da lei que instaura, mas puramente seu vetor, aquele que a representa. Para além da lei e da

representação do pai, seja ele Real ou Simbólico, há de se considerar, também, no poema de Lourie, a possibilidade de perdão direcionada ao pai e cogitada pelo eu lírico no último verso: “if we forgive our fathers what is left” (LOURIE, 1998, p. 48).

### **Complexo de Édipo**

O Complexo de Édipo, também conhecido como lei do Édipo ou lei da proibição da mãe, é uma explicação ao fundamento da psique humana, elaborada por Freud, que consiste na relação triangular entre pai, mãe e criança. Para ele, o pai atua como uma figura castradora entre o infante e a mãe, que resulta em uma das estruturas psíquicas possíveis a depender do efeito dessa interdição sobre o sujeito castrado.

Os versos iniciais da quarta estrofe apresentam a figura da mãe dentre as ações contrastantes do pai que deveriam ser perdoadas ou não: “for marrying or not marrying our mothers / for divorcing or not divorcing our mothers” (*ibidem*). O casamento e o divórcio opõem os valores jurídicos e religiosos de união e de separação na sociedade ocidental. A relação entre o pai e a mãe é posta como traumática para os filhos independentemente do vínculo entre eles, sendo o pai o sujeito do verbo. Ou seja, a decisão de concretização da ação é de responsabilidade da figura paterna. Ademais, a repetição de pronomes na primeira pessoa do plural — *we* e *our* — indica que as questões que concernem ao eu lírico terminam por englobar todos os sujeitos, adquirindo um caráter universalizante que escapa ao próprio poema, permitindo uma identificação basilar do leitor com o escrito.

Lacan atribui aos nomes “pai” e “mãe” uma relação de função, desvinculando a concepção ordinária desses significantes. O “pai” é, na verdade, a lei, a cultura de uma organização social, enquanto a “mãe” é o desejo, a pulsão de vida. O significado atribuído a esses significantes molda a leitura e, conseqüentemente, provoca outras interpretações do escrito poético quando os versos citados são interpretados como a união ou a separação entre o desejo e a lei. No poema, por exemplo, a menção ao significante “mothers” (mães) permite pensar a triangulação edipiana, considerando que, como atesta Dor (1991, p. 17), “a prescrição simbólica desta lei supõe uma negociação imaginária prévia que se desenrola entre os diversos protagonistas familiares: pai-mãe-filho, reunidos comunitariamente sob a égide da triangulação edipiana”; a figura paterna em *forgiving our fathers*, portanto, está presente nessa triangulação simbólica e em meio à interdição da relação mãe-filho.

Outra pontuação lacaniana é a de que “[n]ão existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.” (Lacan, 1957-1958/1999a, p. 171). O pai — função paterna — é o elemento central do complexo edipiano porque é ele quem realiza a castração; isto é, instaura a falta no indivíduo e o convoca a ser sujeito a partir da procura do próprio objeto de desejo, pois a mãe já é o objeto de desejo do pai. Esse ponto pode ser visualizado nos versos da segunda estrofe, sobretudo no último verso:

or he's the one (as in a dream of mine)  
I must pull from the water but I never

knew it or wouldn't have done it until  
I saw the street-theater play so close up  
I was moved to actions I'd never before taken  
(LOURIE, 1998, p. 48)

Ainda nas acepções de Lacan, o termo “pai” pode ser encarado enquanto uma metáfora porque funciona como o significante de um significante: “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno.” (Lacan, 1957-1958/1999a, p. 180). O nome-do-pai, conceito (re)pensado por Lacan a partir dos conceitos freudianos, enquadra a língua(gem), matéria-prima da literatura, como espaço de elaboração para a reorganização simbólica da cena edípica; a falta fundante e incessante do ser humano que promove a busca por objeto(s) de desejo a fim de preencher o vazio que se instaura a partir da castração. A pergunta feita na última linha do poema — presente no título desse ensaio — permite pensar que se o perdão ao pai for concedido, há, para o eu lírico, uma falsa ideia de preenchimento de si, resultando, por fim, na ausência da falta previamente instaurada pelo pai. A hesitação do eu lírico de se desvencilhar do rancor para com o pai é colocada como temerosa, pois a extinção desse sentimento supostamente traria a possibilidade de uma completude ou de um esvaziamento total, já que não há certeza sobre o que resta, o que permanece, o que sobra ou o que é deixado.

### **Mito do Pai Primevo**

Em *Totem e Tabu*, Freud (1912-1914/2012) concebe o mito do Pai Primevo, influenciado fortemente pela antropologia social. O mito

considera uma horda, cujo Pai violento e ciumento conserva para si todas as fêmeas e expulsa os filhos assim que crescem. Os filhos expulsos decidem, então, assassinar o Pai e por fim, devorá-lo. Contudo, o Pai morto “tornou-se mais forte do que havia sido o vivo” (FREUD, 1912-1914/2012, p. 141) e passa a existir interiormente em cada um dos filhos. Na perspectiva de Dor (1991, p. 21), “devemos compreender esse mito como aquele sem o qual não poderíamos abordar a teoria do pai em psicanálise, já que é dele que esta recebe, precisamente, toda a sua consistência”. Funcionando como teoria basilar para a elaboração da figura paterna na teoria psicanalítica, o Mito do Pai Primevo auxilia na compreensão da imagem poética do pai tal como representada no poema de Dick Lourie.

Quanto ao poema, o eu lírico, como previamente dito, examina os cenários contrastantes envoltos na presença e na ausência da figura do pai:

maybe for leaving us too often or  
forever when we were little maybe  
for scaring us with unexpected rage  
or making us nervous because there seemed  
never to be any rage there at all (LOURIE, 1998, p. 48)

Há, portanto, uma ambivalência na figura paterna que reflete a dor como constituinte do sujeito e como inerente às relações pai-filho. O contraste entre ir ou ficar, e os outros tantos apresentados ao longo do poema, denotam que a possibilidade de perdoar o pai é por si só suficiente — e, de uma certa maneira, imprecisa, haja vista que um depois ao perdão é vislumbrado a partir do questionamento final. Todavia, a marca interrogativa não é expressa na pontuação da última

linha, ainda que, através da sintaxe da língua inglesa, seja possível identificar uma sentença interrogativa, reforçando essa imprecisão, permeada de dúvida, que subjaz um desejo de perdão direcionado ao pai.

Dor (1991, p. 35) afirma que

Freud insiste na natureza dos sentimentos contraditórios expressos pelo bando fraterno em relação ao tirano; [...] e que vai especificar sob a acepção de complexo paterno. O amor e o ódio mobilizados em face do déspota [...] ressoam novamente no momento do repasto canibalesco onde, depois da explosão de um ódio assassino, Freud constrói a hipótese de um transbordamento de manifestações afetivas.

Considerando a ambivalência presente no mito de Freud e atestada acima por Dor, pode-se identificar, como ponto fulcral do poema de Lourie, essa mesma ambiguidade. Os versos “maybe in a dream: *he’s* in your power/ *you* twist his arm but you’re not sure it was *he* that stole your money [...]” (LOURIE, 1998, p. 48, grifos nossos) caracterizam uma cisão do eu lírico, bem como uma certa confusão, inserida em um contexto onírico e fantasioso, como se somente nesse cenário o pai pudesse estar subjugado ao controle do filho, especialmente ao considerar o sonho como concretização de um desejo reprimido a partir da teoria freudiana (FREUD, 1856-1939/2019) - intensificada no poema pelo advérbio de dúvida “maybe”, que se traduziria para o português como “talvez”.

Para Freud, a ambivalência de amor e ódio, que constitui as instituições culturais e se supõe também ser um elemento essencial da vida afetiva, embora originalmente estranha a ela, foi “[...] adquirida

pela humanidade no complexo paterno, onde a investigação psicanalítica do indivíduo ainda hoje encontra a sua mais forte expressão” (FREUD, 1912-1914/2012, p. 153). Por fim, a ambivalência delinea-se na figura paterna do eu lírico, que, sendo essencial para sua formação psíquica, encarna uma figura dual. Os versos finais, por exemplo, explicitam o peso que a presença paterna, não importando como essa se apresenta, acaba por gerar dores. Um perdão, portanto, é contemplado, ainda que um porvir seja dúbio e indefinido no que diz respeito à demarcação de tempo ou até mesmo quanto ao ato de enunciá-lo: “in our age or in theirs or in their deaths / saying it to them or not saying it / if we forgive our fathers what is left” (LOURIE, 1998, p. 48).

### **Considerações finais**

Diante do discutido, pode-se perceber como a figura do pai — função paterna — é fulcral para compreender a gênese da psique e seus desdobramentos subjetivos, bem como os de ordem social. A ambivalência do pai em *forgiving our fathers* remete à existência dual de amor e ódio à semelhança do mito do Pai Primevo concebido por Freud. Tais sentimentos contraditórios coexistem em uma figura essencial para a formação psíquica do eu lírico — e por extensão, do sujeito. Além disso, a dimensão da figura do pai, circunscrita no triângulo edipiano pai-mãe-filho, revela o caráter formativo da figura paterna na vida do sujeito. Sendo o pai aquele que fica ou vai embora; que casa ou não com a mãe; ou se divorcia ou não dela, o sujeito acaba por enquadrar-se em uma das estruturas psíquicas a partir do comple-

xo de Édipo normal, tanto no sentido normalizador, quanto no sentido desnormalizador, que resulta em efeitos neurotizantes (LACAN, 1957-1958/1999a). O poema de Lourie explora essa questão justamente pelo peso da imagem paterna e pela simples menção à mãe. É nessa ambivalência da figura paterna e nesse desejo subjacente à incerteza do eu lírico de *forgiving our fathers* que é possível observar que, como assevera Lacan,

[e]m última instância, aquilo com que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, é a dor de existir. Esta representa o outro polo, o espaço, a área em cujo interior sua manifestação se apresenta a nós (1856-1939/2019b, p. 350-351).

## REFERÊNCIAS

BAL, Mieke. **Narratology**: Introduction to the theory of narrative. 4. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

DOR, Joël. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). *In*: **Obras completas, volume 11**: Totem e tabu, contribuição da história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 4**: A interpretação dos sonhos (1856-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACAN, Jacques. A metáfora paterna. *In*: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

LACAN, Jacques. O significante, a barra e o falo. *In*: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

LOURIE, Dick. forgiving our fathers. *In*: LOURIE, Dick. **Ghost Radio**, New York: Hanging Loose Press, 1998.

LOURIE, Dick. **Anima**. New York: Hanging Loose Press, 1977.

SMOKE Signals. Direção: Chris Eyre. Estados Unidos da América: ShadowCatcher Entertainment, Welb Film Pursuits Ltd, 1998. 1 DVD (89 min).